



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 13, v. 1 mai.-ago.2020
p. 09-24.

Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise

Flavia Bonfim¹

RESUMO: A proposta deste trabalho é pensar como a queda do ideal viril se articula com a face explícita e sem constrangimento do ódio dirigido às mulheres, que encontrou ainda mais espaço na vida cotidiana, bem como no mundo virtual e no atual contexto sociopolítico brasileiro. O ideal viril encontra-se em declínio em função do processo de industrialização, das Guerras Mundiais e, especialmente, dos avanços do feminismo. Uma das respostas a esse declínio tem sido o aumento de posições machistas e fundamentalistas na atualidade, em que o ódio contra as mulheres aparece como uma estratégia de defesa, passando a ser instrumentalizado também para fins políticos. O ódio historicamente dirigido às mulheres se inscreve a partir da alteridade que elas encarnam, em função do seu modo de gozo enigmático e inapreensível, característica da modalidade de gozo não-todo referido ao falo. Sendo assim, conclui-se que o uso do discurso de ódio, da força bruta, da truculência e da violência contra as mulheres, tão exacerbado e declarado na atualidade, pode ser pensado como uma forma de fazer a potência fálica existir, como reação frente às repercussões do feminino em tempos de queda do ideal viril.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade. Virilidade. Feminismo. Ódio. Gozo.

Abstract: This paper analyzes how the fall of the virile ideal articulates with the explicit and unapologetic face of hatred towards women that has found even more space in everyday life and in the virtual world and current social and political context of Brazil. The virile ideal is in decline as the result of the industrialization process, the World Wars, and the advances of feminism in particular. One answer to this decline has been the present rise of male chauvinism and fundamentalism, in which hatred against women appears as a defense mechanism, which was additionally instrumentalized for political purposes. The hatred historically directed to women is inscribed from the alterity that they incarnate, given their enigmatic and inapprehensible jouissance, characteristic of the modality of jouissance not whole in terms of phallic logic. The use of such evident and unscrupulous hate speech, brute force, truculence and violence against women today can be thought of as a way to make phallic power exist, as a reaction to the repercussions of the feminine in times when the virile ideal has fallen.

Keywords: Masculinity. Virility. Feminism. Hate. Jouissance.

Resumen: El propósito de este artículo es pensar cómo la caída del ideal viril se articula con la cara explícita y sinvergüenza del odio hacia las mujeres que encontró aún más espacio en la vida cotidiana, así como en el mundo virtual y el actual contexto social y político brasileño. El ideal viril está en declive como resultado del proceso de industrialización, las guerras mundiales, y especialmente los avances del feminismo. Una respuesta a este declive ha sido el surgimiento de posiciones sexistas y fundamentalistas en la actualidad, en las que el odio hacia las mujeres es una estrategia de defensa, que también ha sido instrumentalizada con fines políticos. El odio históricamente dirigido a las mujeres está inscrito en la alteridad encarnada por ellas, debido a su modo de goce enigmático e inaprensible, característica de la modalidad de goce no todo referida al falo. Se concluye que el uso del discurso de odio, la fuerza bruta, la truculencia y la violencia contra las mujeres tan exacerbada y declarada hoy en día puede considerarse como una forma de hacer que el poder fálico exista como una reacción a las repercusiones de lo femenino en el tiempo de la caída del ideal viril.

Palabras clave: Masculinidad. Virilidad. Feminismo. Odio. Goce.

¹ Psicóloga. Psicanalista. Doutoranda em Psicologia (UFF). Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (UERJ). E-mail: flaviabonfimps@yahoo.com.br



O ódio e a violência dirigidos às mulheres acompanham a história das civilizações – o que, vale dizer, é uma terrível constatação. Mas por que o ódio ao feminino tem se revelado de maneira tão explícita na vida cotidiana, no mundo virtual e no atual contexto sociopolítico brasileiro? Por que nos últimos anos esse ódio ganhou tamanha força e eco, revelando uma face declarada e sem constrangimento? Essas interrogações norteiam este trabalho. As respostas para elas são complexas, envolvem diferentes fatores que se sobrepõem, e não temos a pretensão de esgotar o debate em torno de uma única via. Por outro lado, tomamos como horizonte pensar, a partir da psicanálise, como a queda do ideal viril, com suas repercussões para a masculinidade, articula-se com a face declarada do ódio dirigido às mulheres na atualidade, o que nos leva a não desconsiderar o momento sociopolítico do Brasil. Portanto, trata-se mais do que nunca de levar a psicanálise para a *pólis*, procurando fazer uma leitura do que se passa na subjetividade de nossa época.

1. O declínio viril

Desde meados do século XX há um abalo no que se refere à identidade e à imagem do homem ocidental. Essa identidade foi construída, segundo o antropólogo Jean-Jacques Courtine (2013), em torno do mito da virilidade – o que levou a igualar ser masculino e ser viril. Isso nos leva a pensar sobre uma história da virilidade, e não propriamente sobre uma história da masculinidade, retirando, assim, a hegemonia viril de uma possível ordem naturalizante.

A etimologia da palavra “virilidade” nos ajuda a compor esse distanciamento entre homem e virilidade. Esta provém do termo latim *virilitas*, sendo tomada como uma “virtude” que habita o terreno do modelo de perfeição masculina. *Vir* não é sinônimo de *homo*, logo, “virilidade” vai além da designação de “homem”. “Virilidade” comporta o ideal de força e virtude, correspondendo àquele que possui coragem, força física e vigor, que exerce dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais, além de ser comedido em suas manifestações sentimentais, inclusive naquelas provenientes do sofrimento pela perda de um ente querido, devendo o luto ser escondido e superado com rapidez. (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013)

A masculinidade não é virilidade. O modelo fundado na força física, firmeza moral, coragem, potência sexual, demonstração de poder, aptidão para o combate e para o exercício da violência e desprezo pelas emoções é um ideal de virilidade – um paradigma normativo com o propósito de uniformizar a expressão da masculinidade, o modo como os homens habitam sua



sexualidade. O ideal de virilidade ganha o peso de uma exigência, sobretudo para aqueles que não estão à altura desse padrão. (GAZALÉ, 2019)

Sustentar um ideal de virilidade também pode ser um engodo para o homem. Podemos pensá-lo como uma face do supereu feroz que, ao mesmo tempo que impõe tais exigências, também está ali para denunciar sua impossibilidade. Se o homem carrega consigo esse ideal a qualquer preço, ele também leva em sua sombra o temor da vulnerabilidade corporal, sexual e moral. Ou seja, o próprio temor da castração – ponto nodal no qual Freud estruturou a sexualidade masculina.

O problema de sustentar esse ideal viril não repercute apenas no exercício da sexualidade. O ideal viril vai mais longe: ele também mata. Benedito Medrado, Marcos Nascimento e Jorge Lyra (2019) apontam que as maiores causas de morte de homens são externas. Os homens são os que mais sofrem violência e mais se envolvem em acidentes de trânsito; são os que mais matam e morrem; e são também os que mais produzem exploração econômica e política – reflexo de um referencial viril no qual impera o exercício da coragem, agressividade e dominação. Além disso, Nascimento (2018) chama atenção para o fato de que os homens apresentam baixa procura por serviços de saúde em função da dificuldade de se colocarem em uma posição de fragilidade. Isso, inclusive, impacta a estimativa de vida dos homens, que é menor que a das mulheres.

Apesar de a virilidade ainda continuar mostrando sua força, é possível verificar que ela também vem sendo profundamente questionada no mundo ocidental. De acordo com Courtine (2013), desde o final do século XIX, passando pelo processo de industrialização, pelas Guerras Mundiais e pelos avanços do feminismo, o ideal viril está em queda. Com a introdução das máquinas nos meios de produção, o trabalhador, que detinha o saber e a força física decorrente do seu labor, perdeu seu *status*. A filósofa Olivia Gazalé (2019) nos lembra que, atualmente, as profissões mais valorizadas são aquelas que não exigem força física, como as exercidas no mundo empresarial, as quais as mulheres desempenham tão bem quanto os homens – o que leva a uma depreciação da força viril. Com isso, a força como um atributo dos homens, que os colocaria em uma posição de superioridade em relação às mulheres, tende a perder sua relevância no mundo contemporâneo.

À perda de *status* do trabalho e do trabalhador, Gazalé (2019) soma ainda a burocratização das economias, a terceirização das profissões, a precariedade do trabalho e o desemprego em massa. Aqui podemos ressaltar que, sem emprego ou ganhando menos que suas



parceiras, muitos homens sentem sua posição de virilidade abalada, tendo em vista que o marcador de produção e administração de riquezas foi localizado historicamente do lado deles, enquanto foi naturalizada para as mulheres a dimensão reprodutiva e do cuidado.

As Guerras Mundiais também tiveram consequências para a subjetividade do homem comprometido com o mito da virilidade. De acordo com o historiador Arnaud Baubérot (2013), o serviço militar foi considerado durante muito tempo o último patamar do desenvolvimento de validação simbólica da identidade viril. Por outro lado, Courtine (2013) aponta que a exaltação viril em torno das habilidades para o combate e para a batalha conheceu nas guerras a vulnerabilidade masculina com a devastação dos corpos. Os soldados têm medo de morrer e se traumatizam com o horror da guerra. (COURTINE, 2013) Isso, inclusive, chegou à clínica de Freud com os casos de neuroses traumáticas.

Quanto aos avanços do feminismo, é indiscutível que tal movimento trouxe modificações profundas para a sociedade de um modo geral, seja no nível social, político ou relacional. Como consequência, as mulheres se inseriram decididamente no mercado de trabalho, bem como vêm conquistando um lugar social com desafiador esforço. Um dos efeitos disso – como aponta Ernesto Sinatra (2010) – é que tanto nos patamares socioeconômicos mais baixos quanto nos mais altos se constata uma alteração relativa à distribuição do dinheiro no contexto familiar, no qual muitas vezes já não é adequada a nomeação de “chefe da família” para o homem.

A grande diferença de proventos entre homens e mulheres constitui uma das fontes para o estabelecimento de relação de dominação e opressão, na medida em que o detentor do dinheiro no seio familiar se sente no direito de se colocar numa posição decisória e de poder. Contudo, ao passo que tal diferença tende a diminuir, isso tende também a desestabilizar o lugar de poder do homem. Dizendo de outro modo: levando em conta o valor simbólico do dinheiro que Freud despreendeu da série fálica, é possível verificar os efeitos dessa modificação na economia libidinal dos homens. Ou seja, eles têm confrontado que a suposta posse fálica alimentada pelo valor simbólico do dinheiro não é mais exclusividade deles, de modo que precisam se haver com tais consequências.

Não podemos ignorar que discursos promotores da dominação masculina persistem, mas, à medida que as mulheres ocupam espaços na sociedade dos quais eram antes excluídas, a ideia de superioridade do homem perde cada vez mais sentido e legitimidade. Com efeito, na



contemporaneidade, tal postulado só dá testemunho da conservação de um ideal decadente – para não dizer obsoleto e caricato.

O historiador Durval Albuquerque Júnior (2010) assinala que tem aumentado o número de mulheres que não aceitam mais o lugar social e histórico que lhes fora concedido, passando a questionar e a disputar espaços decisórios com os homens, bem como a assumir uma vida mais autônoma e independente deles, interrogando os costumes e as tradições. “Desorientados” e “ressentidos”, os homens encontram-se em dificuldades de se relacionar com esse outro que o interpela, não admitindo, inclusive, serem deixados por uma mulher. Aqui, vale lembrar que muitas mulheres são assassinadas após decidirem pelo rompimento da relação. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010)

Ainda segundo Albuquerque Júnior (2010), os modelos de ser masculino e feminino têm sido problematizados, e essa discussão, com os estudos de gênero, tem se tornado cada vez mais complexa. As mulheres, com isso, passaram a repensar constantemente seu modo de ser mulher – o que não ocorreu com os homens. De fato, não haveria nenhuma necessidade para eles de questionar seu lugar de privilégio e poder na sociedade, tornando-se agentes do processo de contestação das identidades de gênero. Contudo, ao passo que uma revolução vem sendo construída no que se refere aos modos de se relacionar, os homens têm precisado cada vez mais se haver com as consequências desse processo, sem ainda conseguir perceber que o ideal de virilidade também produz perdas e danos para eles. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010)

Nesse contexto de modificações sociais, as relações familiares e o lugar do pai no processo reprodutivo também têm se alterado. A maternidade tornou-se uma escolha, adiada cada vez mais, e nem sempre o homem/pai é necessariamente tão fundamental nesse projeto, dados os avanços tecnológicos de que dispomos hoje em dia. Segundo Baubérot (2013), o aumento do número de divórcios também comprometeu o papel paterno na socialização da criança. Na maioria das vezes a guarda dos filhos fica com a mãe, e muitos pais acabam se ausentando do contato com eles. As novas recomposições familiares fazem com que um outro homem, que não é propriamente o pai biológico da criança, participe de seu cotidiano, da sua educação e formação, o que promove uma “disjunção das funções do pai entre vários homens”. (BAUBÉROT, 2013, p. 211)

Diante disso, faz-se necessário interrogar também a relação entre o lugar do pai na cultura e a masculinidade quando levamos em consideração as formulações psicanalíticas. Em *O*



seminário, livro 20: mais, ainda, Lacan (1985) propõe pensar a dimensão sexual a partir da noção de sexuação, formulando essa elaboração teórica por meio de matemas e com seu uso particular da lógica. Portanto, em seus termos, a diferença sexual se dá por meio de modalidades distintas de gozo e de inscrição quanto à função fálica: gozo fálico/lógica do todo-fálico e gozo suplementar/lógica do não-todo fálico. Ou seja, o que está em jogo nessa discussão, como observa Lucíola Macêdo (2016), não é uma equivalência com a anatomia, nem propriamente com o que é denominado gênero, mas a dimensão do *falasser*, do corpo falante, do sujeito e de suas marcas de gozo, no qual podemos localizar a realidade sexual do inconsciente e sua correspondente dimensão sintomática.

O que chamamos de “homem” em psicanálise é aquele que se encontra localizado na lógica do todo-fálico. A sexuação do homem – e, conseqüentemente, sua forma de ordenação do gozo – é estruturada por Lacan (1985) da seguinte forma: para todo homem há a inscrição da função fálica, de modo que todo homem e o homem como um todo está submetido à castração; contudo, essa regra só é confirmada a partir de sua exceção. Isto é: há um homem, ao menos um, que escapa à castração, sendo essa exceção encarnada pela figura do pai mítico da horda primitiva, configurando o Um totalizante. Assim, na medida em que portar um pênis não assegura o que é ser homem, a crença é colocada no pai como portador do falo. Nesse sentido, podemos dizer que a masculinidade do menino se constrói a partir de uma estrutura de ficção que orienta o exercício do ser homem a partir do ideal de virilidade do pai totêmico, operando uma modalidade de gozo todo-fálico.

Liège Uchôa (2018) aponta que vivenciamos um tempo de configurações familiares pós-nucleares. A figura do pai como um lugar privilegiado de poder sobre a prole não pode ser tomada como um dado hegemônico na contemporaneidade. O que temos visto é um declínio dos semblantes clássicos do pai. Nossa época nos convida a não negligenciar o que Lacan já apontava no que concerne à pluralização dos Nomes-do-Pai, os variados tipos de amarração entre Real, Simbólico e Imaginário do *falasser*. (UCHÔA, 2018)

Isso, porém, não se opera sem conseqüências para a construção da masculinidade. Podemos dizer que, ao passo que a exceção encarnada pela autoridade do pai já não se sustenta, a lógica do todo-fálico também tende a entrar em colapso. Dizendo de outro modo, a “queda do pai evidenciou que o gozo fálico não dá ao homem garantias suficientes de identificação com o masculino”. (SINATRA, 2014, p. 181) Nesse sentido, Jesús Santiago (2013) destaca que a ideia do declínio



viril se articula com outro declínio, o do pai, tal como é possível extrair do ensino lacaniano desde seu apontamento em “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, de 1938.

É digno de nota que no cerne da origem da discussão em psicanálise sobre a sexualidade está a tríade pai-mãe-criança presente na operação edípica, sendo esta tomada por Freud como a forma específica da família humana. Lacan (2003), no referido texto, nos lembra que tal tríade só pôde ser inscrita a partir de certa configuração da história da humanidade, mais precisamente com o advento da família patriarcal moderna e ocidental. Complementa Lacan que a Igreja, a partir do século XV, teve também um papel nessa nova configuração de família na medida em que, ao colocar em primeiro plano “os laços do matrimônio”, favoreceu que a instituição familiar, em sua estrutura moderna, se deslocasse de uma predominância social em prol do casamento.

A partir dessa tríade, Freud localizou que a figura paterna se constitui, assim, como uma força recalcadora, uma lei, uma identificação do ideal viril do menino, de modo que as relações do sujeito com os resíduos da família se tornaram o ponto nodal no qual se debruçou a obra freudiana. Apesar disso, Lacan (2003, p. 66-67) chama a atenção para o que ele denominou de “declínio social da imago paterna”. Sem fazer alardes quanto a isso, ele situa que: “Seja qual for o seu futuro, esse declínio constitui uma crise psicológica. Talvez seja com essa crise que convém relacionar o aparecimento da própria psicanálise”. (LACAN, 2003, p. 67)

Lacan conclui que a experiência analítica desde Freud demonstrou que no núcleo das neuroses é possível reconhecer a influência da figura paterna, mas sempre de algum modo “ausente, humilhada, dividida ou postiça”. (LACAN, 2003, p. 67) O que equivale a dizer que, se na psicanálise o Nome-do-Pai foi reconhecido como um operador simbólico, isso não implica afirmar que a figura do pai desfruta de uma posição privilegiada. Desde *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*, Lacan (2016) começou a relativizar o Édipo, suspendendo a ideia do patriarcado como uma invariante antropológica, visto que estamos em outro momento de inovação do lugar da tradição. Se no tempo de Freud as bússolas que orientavam o desejo tinham o mesmo norte – o Nome-do-Pai, o Édipo –, é necessário repensar e identificar quais são os outros operadores e modos que norteiam os sujeitos na contemporaneidade. O caminho está aberto!

2. O ódio como política e o feminismo como inimigo

Em 17 de julho de 2017, a filósofa norte-americana Angela Davis – referência na temática do racismo e feminismo negro – pronunciou na conferência de abertura do curso



“Decolonial black feminism in the Americas” [Feminismo negro decolonial nas Américas], realizado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), que:

em função das mulheres negras sempre estarem posicionadas na base da hierarquia de gênero, racial e econômica, quando as mulheres negras se movimentam, o mundo inteiro se movimenta com elas. É por isso que independentemente das mudanças e dos revezes políticos e econômicos, as mulheres negras representam a resistência, as mulheres negras representam a esperança do mundo. E, portanto, não é uma coincidência que o movimento ‘Vidas negras importam’ nos Estados Unidos tenha sido iniciado por mulheres negras *queer*. E não é uma coincidência que o feminismo negro tenha inspirado novos movimentos negros na África, na América Latina, na Europa e na América do Norte. (CULTNE, 2017)

Essa importante declaração nos ajuda a pensar na força que os feminismos têm, sobretudo o feminismo negro, para abalar as estruturas sociais e econômicas. “Não é uma coincidência” assistirmos no Brasil, nos últimos anos, o crescimento dos movimentos sociais antirracismo, os avanços dos programas de reparação social e histórica por meio de cotas raciais para universidades públicas e o despontar da visibilidade de intelectuais negras, que sem dúvidas começaram a desestabilizar a pirâmide social e permitiram interrogar o racismo estrutural que se encontra no cerne deste país, resquício de uma longa tradição escravocrata.

Ao mesmo tempo que nos defrontamos com a potência dos movimentos sociais que têm surgido no Brasil, fomos tomados por enorme espanto ao perceber a emergência de retrocessos inimagináveis, como: a proposta de “cura gay”; a exacerbação do ódio e do preconceito contra homossexuais, manifestados publicamente; o crescente número de assassinatos de travestis e transexuais; o aumento da popularidade de figuras políticas e religiosas que sustentam discursos de intolerância que flertam com a homofobia e o racismo; e, sobretudo, a exacerbação das manifestações machistas odiosas e o aumento da violência dirigida às mulheres. Como bem observam Medrado, Nascimento e Lyra (2019, p. 605), estamos em:

[...] um triste momento da história política brasileira, que certamente tem produzido impactos sobre a vida de mulheres e homens concretos, mas também nas formas simbólicas e culturais a partir das quais produzimos feminilidades e masculinidades, nos fazendo re-encontrar com desafios que talvez nos pareciam já superados.

Há quase 20 anos atrás, o cenário era outro no Brasil, comentam ainda Medrado, Nascimento e Lyra (2019), na medida em que se observava uma ressignificação simbólica da



masculinidade, fruto do percurso histórico e do legado do feminismo. Igualmente, Nascimento (2018, p. 18) escreve que entre os anos 1980 e 1990 era possível observar “incipientes mudanças nas relações entre homens e mulheres provocadas pela atuação do movimento de mulheres feministas, pela maior participação feminina no âmbito público (espaço historicamente masculino) e pelo então movimento homossexual brasileiro”. Concomitantemente a tais modificações no exercício da sexualidade e da própria masculinidade, Nascimento (2018) alerta que não podemos ignorar a atuação de forças conservadoras que buscam manter a assimetria de gênero e a heteronormatividade.

Nesse sentido, podemos dizer que o atual contexto sociopolítico brasileiro nos permite constatar que a história não segue uma trajetória linear, nem “evolutiva”, pois é justamente a partir de avanços conquistados que os retrocessos podem ganhar força para impedir modificações na estrutura social que desestabilizam as classes e a lógica dominante. Nesta mesma direção, o filósofo Edson Teles (2018, p. 66) é taxativo:

[...] certos regimes de produção de subjetividades binárias e antagônicas, aliados às condições históricas de dominação, implicam fortalecimento e incremento de estratégias e tecnologias de controle social. Diante de uma sociedade racista, patriarcal e etnocida, estruturada para favorecer os proprietários e as velhas oligarquias, experimentam-se modos de anular ou de destruir qualquer prática de resistência.

Mais ainda, nesse caldeirão de acontecimentos, verificamos emergir o ódio como política, com sua face explícita, contrariando a figura, presente no imaginário, do brasileiro como um povo cordial. Cabe salientar que o ódio, como observa Gil Caroz (2019), é um componente irreduzível de todo ser humano e, dentre todas as paixões, é a mais difícil de reconhecer e admitir. Ele pode ser facilmente acessado e utilizado para os mais variados fins. Felipe Castelo Branco (2019), baseando-se no pensamento de Walter Benjamin, aponta que uma das características fundamentais dos autoritarismos políticos é viabilizar que as massas expressem seu ódio, mas não reivindiquem seus direitos, nem questionem as desigualdades de classe. O ódio, fruto da insegurança social, passa a ser instrumentalizado de modo a mobilizar e dar suporte às ações políticas autoritárias. O autor também faz referência a Hannah Arendt, que, nesta mesma linha, realiza uma leitura sobre a presença de um ódio difuso e vago antes da Segunda Guerra Mundial, o qual foi incorporado e instrumentalizado na política para ser direcionado ao outro, tomado como ameaçador. Não é à toa que o populismo nacionalista emerge no combate a um inimigo, que nem precisa ser encarnado. (CASTELO BRANCO, 2019)



Pensando a recente história do Brasil após 2013, o inimigo interno que ameaça a ordem tem uma série de nomes: o PT, o comunismo, o movimento LGBTQI+, os estudos de gênero, o feminismo... Em termos psicanalíticos, podemos dizer – como observa Lacan (1985) – que o inimigo que o tirano teme é aquele que lhe disputa o gozo. Ao atacar o modo de gozo do Outro, especialmente no campo sexual, o sujeito supõe defender sua própria forma de gozo. É um ponto de profundo engano, vale dizer, pois nesse terreno não há garantias; cada um tem que se virar com sua modalidade particular de gozo, fruto de uma aposta singular.

Para propagar esses inimigos, as redes sociais tiveram um importante papel – desconhecido até então –, que mostrou sua força nas últimas eleições. Ao tomarmos especificamente a questão do feminismo como inimigo, assistimos emergir a exacerbação do machismo como reação. Protegidos por uma tela e amparados por uma pretensa “liberdade de expressão”, surgem nas redes sociais inúmeros elementos discursivos que desqualificam e inferiorizam as mulheres, as quais não precisam se posicionar declaradamente como feministas para serem alvo de insultos, difamações e, não raro, culpabilização pela violência sofrida.

Na mira da ordem conservadora, o movimento feminista recentemente assistiu a dois acontecimentos marcantes, segundo a colunista feminista Stephanie Ribeiro (2018). Foram eles: o assassinato da vereadora do PSOL Marielle Franco, em 2018, e o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, em 2016. O assassinato de Marielle foi extremamente representativo da tentativa de silenciar uma série de movimentos que sua figura representava, sendo mulher, negra, lésbica, proveniente das camadas populares e com expressividade política considerável (foi a quinta vereadora mais votada no Rio de Janeiro e era defensora da pauta de direitos humanos). Para além das questões políticas e partidárias, não é possível desprezar a interseccionalidade entre gênero, raça e classe na leitura desse assassinato: é fazer calar aquela que ousou modificar um lugar social de exclusão para o de representatividade.

Em outra direção, temos a interrupção do mandato da presidenta Dilma, acusada de crime de responsabilidade fiscal. Esse evento envolve uma complexa trama política, que não abordaremos aqui; por outro lado, nos chamam a atenção os violentos insultos dirigidos a sua pessoa desde sua candidatura. Muitos deles nada diziam respeito ao ser/fazer na política, mas eram simplesmente referentes a sua vida sexual. Nos carros, adesivos foram afixados ilustrando um estupro da então presidenta, e na Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, ouviu-se um



coro hostil com o xingamento: “*Ei, Dilma, vai tomar no cu!*”. Por muitos ela foi chamada de “vadia” e “piranha” – insulto recorrente quando se trata de ofender uma mulher.

Sobre a questão do insulto dirigido à mulher, Lacan (1985, p. 114-115) comenta: “é de origem que a gente a diferencia [a mulher]. A gente a dif...ama, a gente a *diz fama*. O que de mais famoso, na história, restou das mulheres é, propriamente falando, o que delas se pode dizer de infamante”. Sobre essa referência, Maria Josefina Fuentes (2016) retoma o equívoco que Lacan faz a partir da expressão na língua francesa *on la dit femme, on la difamme* – nós a dizemos mulher e nós a difamamos. Temos aqui um jogo de palavras entre dizer (*dire*) e mulher (*femme*) que culmina em *diffame*, ou seja, dizer sobre uma mulher sempre implica difamá-la. Assim, Lacan interpreta que o impossível da representação do feminino foi transformado na difamação da mulher mal-dita a partir de um discurso falocêntrico segregacionista. (FUENTES, 2016).

3. O ódio ao feminino: uma questão em torno da disparidade de gozo

Ao analisarmos o atual contexto sociopolítico brasileiro, onde o ódio figura como política, temos um terreno fértil, sustentado pelo aparato institucional e pelo poder público, para que uma antiga questão possa continuar mostrando sua face, mas agora ressurgindo de forma mais violenta e declarada, que é o ódio dirigido as mulheres, justamente em um momento em que o mito do ideal viril se encontra profundamente interrogado.

A partir das considerações de Jacques-Alain Miller (2010), podemos entender o ódio dirigido às mulheres como um ódio pelo seu modo de gozo, de modo que a noção de extimidade, o Outro interior, será útil para abordar essa questão. O homem não tolera o modo como a mulher goza. Sua intolerância diz respeito ao gozo do Outro, na medida em que aponta para aquilo é subtraído dele, o roubo de gozo que cada um experimenta com a castração. Portanto, “o Outro é Outro dentro de mim mesmo” (MILLER, 2010, p. 55, tradução nossa) – o que implica que se trata do ódio ao próprio gozo. Essa é a dimensão da extimidade, esse estranho familiar que está em mim e que eu odeio.

Fuentes (2016) assinala que o cerne do ódio historicamente dirigido às mulheres se inscreve a partir da alteridade que elas encarnam. Por meio do ensino lacaniano, extraímos que o feminino comporta um modo de gozo enigmático e inapreensível, característico da modalidade de gozo não-todo referido ao falo. É justamente esse gozo que é rechaçado no ódio endereçado à mulher. Sobre isso, Fuentes (2016, p. 197) acrescenta:



Quando as diferenças de cada Um e a alteridade como tal são rechaçadas, quando o narcisismo é o motor do coletivo, a identidade surge às custas da segregação contra o estrangeiro que há em nós – a presença inquietante do *Unheimliche* do qual falava Freud –, cujo efeito é o incremento da angústia e intolerância que se manifesta na agressividade e violência.

Miller (2010) chama a atenção para até que ponto a cultura pode fazer esforços de conter o excesso de gozo que o gozo feminino comporta. O gozo feminino é alvo de vigilância, restrição e modulações impostas comumente na educação das meninas com o objetivo de conter o que para os homens é um excesso. No mesmo sentido, Ondina Machado (2018) constata que o corpo feminino é tomado como algo público ao longo dos séculos. Da roupa à gestação, tudo é alvo da opinião pública. A própria discussão sobre o aborto é exemplar nesse sentido.

Mais ainda, Gil Caroz (2019) comenta que quando se tenta coletivizar o incoletivizável, trata-se de fazer uma violência. Lembremos, tal como pode ser extraído do ensino laciano (LACAN, 1985), que as mulheres não podem ser tomadas como um conjunto fechado, coletivizável, mas devem ser contadas uma a uma. Observa Caroz (2019) que coletivizar as mulheres é uma forma de abuso que a lógica do todo imputa à lógica do não-todo por não suportar suas práticas singulares. Portanto, trata-se de um ódio que se produz no encontro entre duas lógicas, no qual o agente da lógica do todo quer infligir sua ordem aos sujeitos que se estruturam por meio da lógica do não-todo.

Machado (2018) comenta que se trata de uma violência pautada pela condição do agressor de não suportar que o Outro goze de maneira distinta da sua, por localizar ali um excesso. Contudo, esse excesso habita cada sujeito, pois todo gozo é excessivo e implica um desconhecimento, o qual é rejeitado e odiado. Sobre esse modo de gozo distinto, a psicanalista pontua que as mulheres têm um modo peculiar de estar no mundo que não segue os padrões fálicos ainda predominantes na civilização, e os homens, por sua vez, vivem a falácia do falo. (MACHADO, 2018)

Albuquerque Júnior (2010) destaca que o corpo masculino, por influência da cultura judaico-cristã e do padrão da sociedade burguesa, tornou-se um corpo do controle, autocentrado; um corpo instrumental a serviço de si mesmo, autoerotizado; um corpo limitado quanto a sua sensibilidade e expressividade; um corpo com medo de corpos; um corpo em pânico. Diante disso, a mulher, sendo vista enquanto um corpo sensível, sedutor, erótico, arrastaria o homem para a perdição, para a perda de si mesmo – constituindo, a partir disso, os



perigos do feminino. Ou seja, o homem teme o desejo, os afetos e tudo aquilo que o possa levar ao descontrole encarnado pelo feminino.

Discutindo toda a complexidade que envolve a questão da violência contra a mulher, Heloisa Caldas (2013) aponta que a ideia de suposta posse do falo como órgão tem consequências significativas para o corpo do homem: eles são mais sensíveis àquilo que remete à castração do que o corpo da mulher, ao qual nada falta. Assim, para não se responsabilizar por aquilo que do corpo lhe escapa, a culpabilização do outro pode ser uma estratégia. Com isso, uma mulher que ao mesmo tempo o fascina e provoca seu desejo pode também ser encarada como a responsável por sua perda de gozo – configurando um objeto desprezível.

É importante salientar que o ódio não exclui o desejo, pois o ódio é dirigido ao ser, enquanto suporte do objeto *a*. Ou seja, o ódio inclui o objeto causa de desejo. Portanto, é preciso levar em conta essa dimensão paradoxal do *amódio* que uma mulher pode ocupar para um homem. Para abordar essa relação entre amor e ódio, Lacan (1985) menciona que o nome “ambivalência” não favoreceu que esta questão fosse melhor colocada, nem despertasse maiores desdobramentos. É nesse sentido que ele apresenta o termo “*hainamoration* – uma enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um *amódio*” que “é o relevo que a psicanálise soube introduzir para nele inscrever a zona de sua experiência”. Continuando, ele é ainda mais radical: “a análise nos incita a esse lembrete de que não se conhece nenhum amor sem ódio”. (LACAN, 1985, p. 122)

Os crimes de estupro são um exemplo dessa manifestação de *amódio* da qual Lacan fala – um crime que vem aumentando consideravelmente, alimentado por aquilo que se tem chamado de “cultura do estupro”. Este é uma forma radical de manifestação do ódio, como consideram Dicker, Badari e Caldas (2016), e surge em contextos sociais de queda dos ideais, como as guerras urbanas que ocorrem na América Latina. Nesses contextos, temos também outra manifestação: o triunfo dos bárbaros.

Não obstante, a questão da violência dirigida à mulher se torna ainda mais complexa quando a forma feminina de amar pode consentir que uma mulher se deixe devastar em modalidades de parceria onde o *amódio* revela sua força mortífera. Com a psicanálise, sabemos que a dupla agressor-vítima, na qual o homem ocupa o lugar de violentador e a mulher de violentada, não é tão simples, na medida em que nos coloca na pista do gozo singular do *falasser*. (CALDAS, 2013) Não entraremos nessa discussão em função da direção que traçamos neste trabalho, pois estamos procurando pensar aqui a questão do ódio explícito ao feminino



como forma de violência e sintoma social de nossa época, mas julgamos que ela precisa ser lembrada para não cairmos numa visão que não leva em conta a dimensão do gozo e da fantasia do sujeito. A clínica nos relewa o quanto pode ser mortífero – literalmente, para as mulheres – quando se estabelecem parcerias entre um gozo devastador e um circuito pulsional que promovem uma identificação do objeto dejetivo em relação a um homem.

4. Últimas considerações

Para encerrar, é importante destacar que o discurso dominante opera orientado pelo gozo fálico, que estabelece uma estrutura vertical de poder e pode usar a tirania como uma defesa frente à diferença sexual. Essa estratégia busca evitar toda a estranheza que o enigmático gozo feminino comporta, o qual não deixa de ser sentido como ameaça para estrutura vertical de poder. Diante disso, é importante salientar que as modalidades de gozo com que Lacan operou a partir da noção de sexuação não se restringem apenas à esfera do corpo próprio, com todo seu caráter de extimidade, mas também se refletem e ecoam nos discursos e no corpo social. (DICKER; BADARI; CALDAS, 2016)

Sendo assim, a hipótese aqui sustentada é de que o uso do discurso de ódio, da força bruta, da truculência e da violência contra as mulheres, tão exacerbado e declarado na atualidade, pode ser pensado como uma forma de garantir a estrutura de ficção da virilidade desde sempre perdida, de fazer a potência fálica existir, como reação frente às repercussões do feminino em tempos de queda do ideal viril. Dizendo de outro modo: frente ao declínio viril, alguns homens têm reagido assumindo posições mais radicais e extremistas, excessivamente machistas e fundamentalistas, pautados na hierarquia entre os sexos, bem como num rechaço da diferença, como uma estratégia de defesa. Reação que encontrou fomento no atual contexto sociopolítico do Brasil pós-2013, no qual várias formas de ódio foram instrumentalizadas em favor da extrema direita brasileira.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças. *In*: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (org.). *Gênero e práticas culturais*. desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.



- BAUBÉROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. *In: CORBIN, A. COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI.* Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 189-220.
- CALDAS, H. Bate-se em uma mulher... quando os semblantes vacilam. *In: MACHADO, O.; DEREZENSKY, E. (org.). A violência: sintoma social da época.* Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013. p. 229-239.
- CAROZ, G. Conhecer seu ódio. *Almanaque On-line*, Belo Horizonte, n. 22, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2V3kJGw>. Acesso em: 3 nov. 2019.
- CASTELO BRANCO, F. O ódio como afeto político: sobre a composição do populismo de extrema-direita no Brasil. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 64-95, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/315TFuf>. Acesso em: 9 nov. 2019.
- CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). *História da virilidade: a invenção da virilidade: da Antiguidade às Luzes.* Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 1.
- COURTINE, J.-J. Impossível virilidade. *In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI.* Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 7-12.
- CULTNE: Angela Davis no CAHL: Centro de Artes, Humanidades e Letras: Cachoeira: Bahia. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (65 min.). Publicado pelo canal Cultne Acervo. Disponível em: <https://bit.ly/37QSB8f>. Acesso em: 24 out. 2019.
- DICKER, S.; BADARI, P.; CALDAS, H. Entre as paixões do Outro e do *falasser*: sobre o êxtimo e a paixão. *Opção Lacaniana*, [s. l.], ano 7, n. 21, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/2YIBtLk>. Acesso em: 30 out. 2019.
- FUENTES, M. J. Comunidades feministas entre adolescentes. *In: CALDAS, H. (org.). Errâncias, adolescentes e outras estações.* Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016. p. 188-198.
- GAZALÉ, O. Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade. [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3dniUdR>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- LACAN, J. (1958-1959). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.
- LACAN, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20: mais, ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, J. (1938). Os complexos familiares da formação do indivíduo. *In: LACAN, J. Outros escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 29-90.
- MACÊDO, L. F. Notas sobre identidade de gênero e sexuação. *Opção Lacaniana*, [s. l.], ano 7, n. 19, p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3fKfmUA>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- MACHADO, O. O corpo e violência na psicanálise. *EntreRios*, Teresina, v. 1, n. 2, p. 20-28, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2NmFBek>. Acesso em: 30 out. 2019.
- MEDRADO, B.; NASCIMENTO, M.; LYRA, J. Os feminismos e os homens no contexto brasileiro: provocações a partir do encontro 13º Fórum Internacional AWID. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 603-608, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3fQKaDI>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- MILLER, J.-A. *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- NASCIMENTO, M. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. *In: CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P. M. (org.). De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. p. 16-25.
- RIBEIRO, S. Feminismo: um caminho longo à frente. *In: GALLEGOS, E. (org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil.* São Paulo: Boitempo, 2018. p. 103-108.
- SANTIAGO, J. *Corpo de Homem.* VI ENAPOL. Buenos Aires, 2013. Disponível em: <https://bityli.com/MRs3c>. Acesso em: 10 dez. 2019



SINATRA, E. *¡Al fin hombres al fin!* Buenos Aires: Grama, 2010.

SINATRA, E. Homem (O). *In: MACHADO, O.; RIBEIRO, V. (org.). Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Scritpum, 2014. p. 179-181.

UCHÔA, L. O declínio da função paterna, as famílias de hoje e a psicanálise. *Mote*, Rio Grande do Norte, ano 2, n. 1, p. 39-42, 2018.

TELES, E. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. *In: GALLEGO, E. (org.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 65-72.

